
RETRATO DO BRASIL

**Mais de 23 milhões de pessoas estão
abaixo da linha da pobreza** PÁGINA 15

País tem 23 milhões abaixo da linha de pobreza

É o maior patamar desde 2016, início da série histórica, segundo estudo da FGV Social. O grupo de pessoas que vivem com menos de R\$ 210 por mês ou R\$ 7 por dia corresponde a 10,8% da população

CAROLINA NALIN
carolina.nalin@infoglobo.com.br

A pandemia de Covid-19 e as idas e vindas das políticas de transferência de renda levaram ao aumento da pobreza no país. Mais de 23 milhões de brasileiros, ou 10,8% da população, estavam abaixo da linha de pobreza em 2021. É o nível mais alto da série histórica anual, iniciada em 2016, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE.

Em apenas um ano, 7,2 milhões de brasileiros passaram a fazer parte desse contingente. Em relação ao período pré-pandemia, há 3,6 milhões a mais nesta condição. Na extrema pobreza, estão 5,9% dos brasileiros que recebem menos que R\$ 105 por mês ou R\$ 3,50. É também o maior nível da série anual.

MONTANHA-RUSSA

O estudo revela que os mais pobres viveram uma espécie de montanha-russa nos últimos anos. Até 2021, a maior parcela de pobres foi de 9,2% em 2019, nível que vinha subindo desde 2016, início da série.

Com a chegada da pandemia e o pagamento do auxílio emergencial que beneficiou 68 milhões de brasileiros, o número de pessoas na

extrema pobreza caiu de 5,9% para 4,2% da população, nível próximo ao de 2016, quando fora de 4%.

Acontece que, com a gradual redução do auxílio emergencial em 2020 e a posterior interrupção do benefício em março de 2021, a população mais pobre cresceu com a queda abrupta da renda.

O economista Marcelo Neri, um dos autores da pesquisa, ressalta que o país tem passado por uma grande instabilidade, principalmente nos últimos três anos. Enquanto a primeira meta dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio era diminuir a pobreza em 50% em 25 anos, o número de pobres no Brasil cresceu 42% em apenas seis meses, saindo de 3,9% em agosto de 2020 para 13,2% em março de 2021, quando atingiu pico na variação mensal.

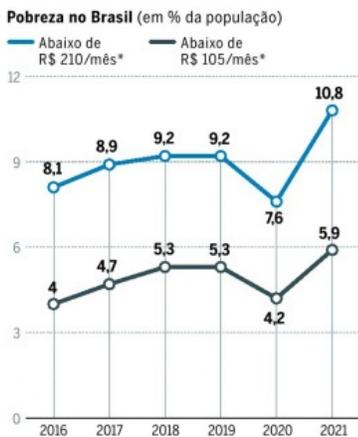
— O Brasil é o país da desigualdade, mas também da instabilidade. Fomos do céu ao inferno e vice-versa algumas vezes em função da pandemia e das políticas adotadas nesse período. O auxílio emergencial levou o país ao menor nível de pobreza da História. Mas seis meses depois, voltou ao maior nível dos últimos dez anos. Essa montanha-russa é uma oscilação tão custosa quanto uma estagnação econômica ou falta de crescimento.

PAPEL DA POLÍTICA PÚBLICA

Neri destaca ainda que as políticas públicas devem ser pensadas de modo a suavizar o padrão de vida dos pobres, e não gerar al-

INDICADOR SOCIAL NO PAÍS

Evolução anual da pobreza e da extrema pobreza

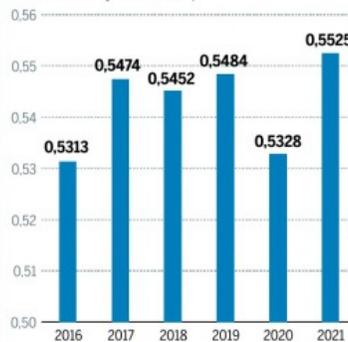


*Em valores do quarto trimestre de 2021

Fonte: FGV social, a partir de dados da Pnad Contínua do IBGE

A desigualdade aumenta

Índice de Gini (quanto mais perto de 1, maior é a concentração de renda)



Editoria de Arte



QUITO MORETO/6-4-2021

ta oscilação.

— O desafio de alguma forma é permitir que as pessoas comam todos os meses e não comam carne um mês e depois passem fome no outro mês — explica.

A renda mensal dos 10% mais pobres caiu de R\$ 114 em novembro de 2019 para

R\$ 52 em março de 2020, início da pandemia. Em seguida, mais do que quadruplicou até atingir o pico histórico em agosto do mesmo ano, com R\$ 215, durante a fase mais generosa do pagamento do auxílio emergencial, quando era de R\$ 600 por mês. Já em janeiro, com

a suspensão do programa, desabou para R\$ 55.

Com o retorno do benefício com cobertura e valores reduzidos, a renda foi parcialmente recuperada para R\$ 113 em agosto de 2021, mas recuou no fim do ano e ficou 15,8% abaixo do nível pré-pandemia, o equivalente a R\$ 96 em

novembro de 2021.

O economista chama atenção para o período final da série, que já capta o pagamento do Auxílio Brasil e mostra aumento do percentual de brasileiros abaixo da linha de pobreza. Segundo ele, o resultado indica uma tendência negativa para a pobreza no país.

Apesar de o Auxílio Brasil ter dobrado o valor médio da Bolsa Família, para R\$ 400, a inflação está alta e vai corroendo o poder de compra da transferência:

— O Brasil acabou sendo um laboratório a céu aberto porque fez políticas de todos os tipos com resultados variados. É preciso afinar os instrumentos para conseguir entregar resultados de superação da pobreza e mantê-los ao longo do tempo.

Incerteza.

Distribuição de refeições no Centro do Rio: transferência de benefícios sociais foi instável, passando de R\$ 600 para zero e depois subindo para R\$ 400

DESIGUALDADE MAIOR

Segundo o economista, o Brasil deve superar a instabilidade que viveu particularmente nesses últimos três anos. A interrupção ou oscilação da rede de proteção social é danosa, diz Neri.

A pesquisa mostrou que a desigualdade também atingiu o maior nível desde 2016. O Índice de Gini, indicador que quanto mais perto de 1, mais concentrada é a renda, subiu de 0,5328 para 0,5525.

O objetivo do estudo, também assinado por Marcos Hecksher, doutor em População, Território e Estatísticas Públicas, foi mensurar o nível do bem-estar social da população a partir da chegada da pandemia e a adoção de novas políticas de transferência de renda.